

A Biblioteca Nacional e a formação de um patrimônio documental brasileiro

ANA PAULA SAMPAIO CALDEIRA*

Introdução

Em 1870, a Biblioteca Nacional (BN) ganhou um novo diretor. Após a morte de Camilo de Monserrate, o jovem médico Benjamin Franklin Ramiz Galvão assumiu a instituição e iniciou uma série de reformas que tinham três objetivos imediatos. O primeiro deles era criar uma rotina de serviços visando regular o funcionamento, as aquisições, os empréstimos e outras atividades cotidianas da biblioteca. O segundo era ampliar seus contatos com instituições e letrados estrangeiros, especialmente a partir do intercâmbio de documentos históricos e livros. Por fim, também fazia parte do projeto de Ramiz Galvão o esforço de aquisição e de seleção de um patrimônio documental brasileiro e a sua divulgação em duas importantes publicações: os *Anais da Biblioteca Nacional* e o *Catálogo da Exposição de História do Brasil*.

O objetivo deste artigo é analisar os *Anais da Biblioteca Nacional*, publicação que teve início em 1876 com o intuito de divulgar os “tesouros” da instituição. Em nosso estudo, buscaremos destacar o trabalho desenvolvido por Ramiz Galvão e os demais funcionários da biblioteca para a publicação dos *Anais* e de que forma, por meio daquele periódico, Galvão selecionava (e excluía) os documentos que deveriam compor o conjunto do patrimônio documental brasileiro, ao mesmo tempo em que fazia da BN o espaço por excelência do desenvolvimento das letras nacionais.

A viagem pelo ‘Velho Mundo’ e a busca por documentos da história do Brasil

Paris, janeiro de 1874. Havia quase um ano que Ramiz Galvão estava distante do Brasil. Fora convidado pelo governo Imperial a participar da comissão que representaria o país na Exposição Universal de 1873, em Viena. Aproveitando sua estada na Europa, ficou incumbido também de conhecer e estudar o funcionamento das principais bibliotecas européias para, a partir de suas observações, empreender algumas mudanças

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais da Fundação Getúlio Vargas (PPHPBC/ FGV).

na Biblioteca Nacional brasileira. Em meio a sua viagem, Ramiz recebeu a notícia de que o governo imperial decidira prolongar sua estadia no “Velho Mundo” até o último dia de abril daquele ano. O objetivo era que o bibliotecário aproveitasse para procurar nos arquivos europeus documentos, especialmente manuscritos, relativos ao Brasil. Semanas após receber o aviso, Ramiz não tardou em comunicar aos seus superiores os frutos que colhia em sua viagem. Em uma carta datada do dia 7 de fevereiro, ele explica que, depois de visitar as bibliotecas de Viena, Munique, Berlim, Milão, Florença, Roma, Londres e Paris, restavam apenas as de Zurich e Lisboa:

Em todas elas depois de haver estudado a parte relativa à organização, que é, como V. Exa sabe, o ponto capital da minha comissão, tive sempre o cuidado de indagar da existência de documentos relativos ao Brasil, e posto que não fosse grande a minha colheita neste particular tive todavia a fortuna de encontrar alguma coisa de que tomei nota e que tencionara comunicar a V. Exa (...). Aqui mesmo em Paris, onde atualmente me acho ultimando as compras de livros de que fui encarregado, encontrei na Biblioteca Nacional um bom número de manuscritos portugueses, dos quais estou fazendo uma lista que julgo não será destituída de interesse. Em Zurich não é de esperar que ache documentos deste gênero, mas em Lisboa os haverá em grande cópia, e por isso resolvi já demorar ali a minha estada além do prazo que me fora necessário e suficiente para visitar a sua biblioteca pública.¹

A viagem de Ramiz Galvão pela Europa trouxe alguns benefícios para a Biblioteca Nacional. Um deles foi a sua própria reestruturação a partir da observação e estudo do funcionamento de suas congêneres européias. Mas não foi só isso. A viagem trouxe ainda um saldo bastante positivo para o acervo da instituição, enriquecido com vários livros e catálogos comprados de livreiros europeus. Algumas coleções de revistas científicas e literárias já existentes na BN também puderam ser completadas a partir da aquisição de determinados volumes faltosos. No ano de 1874, por exemplo, 2.476 obras entraram na biblioteca por meio de compra e dentre elas constavam ainda alguns documentos referentes à história do Brasil. Segundo Pires de Almeida, na viagem de Ramiz Galvão à Europa, foram gastos cerca de doze contos de réis na compra de manuscritos, imagens, monografias e catálogos, todos eles incorporados ao acervo da BN (ALMEIDA, 1897: 10).

O projeto de procurar, comprar e reunir documentos relativos à história do Brasil parece, no entanto, que não terminou com a viagem de Ramiz Galvão. Mesmo após o

¹ ARQUIVO NACIONAL. *Ofícios do Bibliotecário* (1873-76). Ofício de 07 de fevereiro de 1874.

seu retorno da Europa, é possível perceber em seus ofícios o interesse em localizar e adquirir materiais sobre a história do país que estivessem nas mãos de particulares ou em bibliotecas estrangeiras. Um documento do bibliotecário, datado de 1878, é um exemplo interessante do seu empenho em obter este tipo de material para a BN. Trata-se de um ofício informando as autoridades do Império sobre o leilão de manuscritos que estava prestes a ser realizado pela casa dos Marqueses de Castelo Melhor. Ramiz não apenas deu a notícia do leilão, mas também se empenhou em conseguir recursos do tesouro para a compra daqueles documentos e sua incorporação ao acervo da BN:

Excusado me parece insistir sobre a alta conveniência de se não permitir que fiquem fora de nosso país todos esses papéis, porque vossa excelência sabe melhor do que eu o que eles valem para a história de uma nação, que está hoje compondo os seus anais e buscando luz que esclareça largos períodos de sua vida passada. O que é indubitável é que sem documentos não se escreve história e que sem fazer sacrifícios para os haver não legaremos à posteridade mais do que as trevas e a dúvida que já recebemos na herança de nossos maiores.²

O forte teor patriótico utilizado por Ramiz em seu ofício parece ter dado certo. A verba conseguida pelo governo imperial serviu para a aquisição de 41 manuscritos vindos diretamente de Lisboa. Eles chegaram à Biblioteca Nacional somente em 1879, mas, no ano anterior, foram somados ao acervo da instituição 64 manuscritos cedidos pelo dr. Melo de Moraes, além de outros adquiridos a partir do leilão do espólio do escritor português Rodrigo José de Lima Felner. Mas as aquisições não pararam aí. Em 1880, a BN recebeu do conselheiro Francisco Octaviano de Almeida Rosa 38 manuscritos e, no ano seguinte, foi adquirida uma coleção de documentos diplomáticos do Visconde do Rio Branco, ofertados à instituição por seu filho, José Maria da Silva Paranhos (ALMEIDA, 1897: 10).³

Convém destacarmos a importância dada por Ramiz Galvão à aquisição de documentos. É possível perceber as razões desta importância no ofício citado acima, quando ele buscava angariar recursos para a compra dos papéis da coleção dos Marqueses de Castelo Melhor: os documentos, segundo ele, eram essenciais para se

² ARQUIVO NACIONAL. *Ofícios do Bibliotecário* (1877-79).

³ Convém lembrar que uma importante aquisição para a Biblioteca Nacional foi feita ainda em 1873, quando foi comprada a biblioteca de Manoel Ferreira Lagos, composta de 3.475 volumes, 231 manuscritos e cerca de 2 mil folhetos publicados no Brasil e em países estrangeiros. Faziam parte desta coleção as *Memórias* de Alexandre Rodrigues Ferreira.

escrever a história das nações, especialmente de uma nação como o Brasil, cujos pontos de seu passado pareciam tão nebulosos aos seus olhos. A história do país, para ser construída, precisava de documentos que pudessem lançar luz sobre o passado nacional.

Em seu livro *História e Historiadores*, Ângela de Castro Gomes destaca o interesse que os letrados de meados do século XIX e início do XX tinham pelos documentos. Embora a autora não se refira à Ramiz Galvão ou ao seu trabalho na Biblioteca Nacional, ela se detém na figura de Capistrano de Abreu, historiador que, mais tarde, foi considerado o marco do pensamento histórico no Brasil. Segundo Gomes, Capistrano e seu grupo eram “eruditos”, isto é, não poderiam ser pensados como “profissionais da história”, uma vez que este campo não estava constituído como autônomo naquela época. Esses eruditos interessavam e circulavam por um amplo espaço de conhecimentos etnológicos, geográficos, literários, linguísticos e históricos (GOMES, 1996: 75). Esses homens de letras, por sua vez, legitimavam o seu saber a partir do “trabalho de pesquisa documental (criticar, reunir, consultar e copiar documentos). A pesquisa e a interpretação de fontes distinguiam o trabalho desses eruditos” (GOMES, 1996: 100). A história não poderia prescindir da ida ao arquivo e da consulta e crítica às fontes documentais. Sem documentos não haveria, portanto, a possibilidade de escrita da história.

Outra estudiosa da historiografia brasileira oitocentista, Maria da Glória de Oliveira, também destacou a importância dada por Capistrano de Abreu à constituição de arquivos, mostrando o quanto o trabalho diário com os documentos da Biblioteca Nacional converteu-o à pesquisa histórica (OLIVEIRA, 2006: 216-39). Certamente esse contato cotidiano com o acervo da biblioteca não envolveu apenas Capistrano, mas foi o que poderíamos chamar de um trabalho em equipe, pois englobava todos os funcionários da Biblioteca Nacional, inclusive o seu diretor, Ramiz Galvão. Tratava-se de uma tarefa que abrangia não apenas a organização do acervo, mas que também foi responsável pela localização de obras cuja existência ainda não era conhecida pelo diretor da BN e seus funcionários. Uma vez descobertos esses “tesouros”, como dizia o próprio Ramiz Galvão, era necessário criar meios de divulgá-los. Sua publicação era uma forma de não apenas atrair o interesse do público em geral e de um público mais restrito (os homens de letras) para obras mais seletas, mas também de construir uma certa imagem da Biblioteca Nacional, atribuindo a ela um valor, mostrando que, como

principal biblioteca do país, ela possuía documentos capazes de fazê-la caminhar em direção ao lugar ocupado pelas grandes instituições de saber espalhadas pela Europa. Também aqui deste lado do Atlântico seria possível encontrar documentos raros, iconografias primorosas e achados preciosos.

O primeiro veículo de divulgação desses “tesouros” foram os jornais da época, como o *Globo*, o *Diário do Rio de Janeiro*, o *Jornal do Commercio* e a *Gazeta de Notícias*. A cada nova descoberta de uma imagem, manuscrito ou mesmo acerca da autoria de uma obra, Ramiz Galvão e seus ajudantes (especialmente Alfredo do Vale Cabral, oficial da biblioteca) enviavam notícias, acompanhadas sempre de um pequeno estudo, à redação de um desses periódicos. Logo em suas primeiras linhas, essas notas buscavam chamar a atenção dos leitores “estudiosos” não somente para as descobertas, mas também para o trabalho realizado dentro da Biblioteca Nacional, além de convidar o público a reconhecer o valor daquela instituição:

No espontâneo encargo que tomamos de fazer conhecer o público estudioso os livros concernentes ao Brasil, que guarda a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, damos notícia de mais um achado, por todos os títulos precioso. Convém que se vá conhecendo e dando o devido valor à primeira biblioteca instituída no Brasil e que em riqueza está a par de suas irmãs do Velho Mundo. Na Europa, os livros preciosos que possuem os estabelecimentos literários são em geral conhecidos, não só por seus catálogos impressos, como pelas incessantes investigações de amadores e curiosos, que a todos os momentos invadem a biblioteca em busca do que há de mais raro sobre esta ou aquela matéria. Entre nós, porém, se dá o contrário: ninguém se importa de conhecer e ainda mesmo de ter notícia dos livros que nos dizem respeito, livros que, em falta de documentos autênticos, são a base principal de nossa história.⁴

A comparação que aparece no texto entre a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e suas congêneres européias (comparação em que a instituição brasileira geralmente sai perdendo) é muito presente não só nas notícias publicadas, mas também nos ofícios, cartas e relatórios dos funcionários da BN. Mas esse discurso possui algumas nuances. Certas vezes a biblioteca é entendida como um projeto, em que, no futuro, ela conseguirá alcançar as grandes instituições de pesquisa do Velho Mundo. Em outros momentos, como aparece no trecho destacado acima, quando se trata da riqueza de seu acervo, a biblioteca brasileira é vista num patamar de igualdade em relação às européias. No entanto, um elemento parece não levantar dúvidas de Ramiz Galvão ou

⁴ CABRAL, Alfredo do Vale. Investigações. *O Globo*, 1º de março de 1873.

de seus funcionários: o fato de não se ter por aqui o afã das pessoas em se debruçar sobre esses tesouros.

Apesar da entrada de novos manuscritos e imagens na biblioteca e da aquisição de muitas obras, as seções encarregadas de cuidar deste tipo de documento permaneciam vazias. A baixa frequência no setor de manuscritos era alvo de muitas lamentações de Ramiz Galvão, que via seus leitores serem atraídos pela “literatura amena” de sua época em detrimento de obras mais especializadas. Os relatórios dos chefes das seções de manuscritos e iconografia destacavam sempre o pequeno movimento dos setores e os poucos documentos consultados, o que se chocava com a maior frequência total registrada na biblioteca.⁵ De modo geral, a visitação a essas seções de estudos mais “específicos” ficava a cargo do Imperador e dos membros de sua família, além de ministros do império e autoridades estrangeiras.⁶

Diante deste quadro, algumas perguntas se colocam: se a seção de manuscritos, bem como a de Iconografia, eram pouco frequentadas, se não havia o afã do público pelos seus materiais, se não existia interesse pela investigação, por que divulgar o acervo em jornais e, mais ainda, por que produzir outro veículo, específico para a publicação de documentos, como foram os *Anais da Biblioteca Nacional*? Com o objetivo de buscarmos uma resposta para estas questões, cremos que vale a pena nos determos um pouco neste segundo veículo, os *Anais*, destacando o que era publicado em suas páginas e os principais objetivos desta publicação.

⁵ O relatório referente ao 3º trimestre de 1879 destaca, por exemplo, que naquele período apenas 2 manuscritos foram consultados: o “Vocabulário Português-Botocudo”, de Guido Marliere, e a “Flora Paraensis”, de Antonio Correa de Lacerda. (BIBLIOTECA NACIONAL. *Relatórios escritos por João Saldanha da Gama e Menezes Brum referentes aos anos de 1876 a 1880 apresentados ao diretor da Biblioteca Nacional*).

⁶ Em 1872, por exemplo, a biblioteca foi visitada pelo ministro da Bolívia, que, de acordo com o relato que Ramiz Galvão enviou ao conselheiro João Alfredo, ficou bastante interessado em consultar manuscritos sobre os limites territoriais que separavam o seu país do Império do Brasil. O interesse por materiais deste tipo levantou certas suspeitas de Galvão, que pediu ao conselheiro instruções de como proceder, enquanto fornecia “documentos de pouca importância e alheios à referida questão” à autoridade boliviana (BIBLIOTECA NACIONAL. *Correspondência ativa e passiva de Ramiz Galvão*. Ofício de 12 de abril de 1872. Coleção Biblioteca Nacional. Mss.). No ano anterior, a biblioteca já tinha sido visitada por uma personalidade latinoamericana, Bartolomeu Mitre, que aproveitou a passagem pela instituição para consultar e copiar alguns manuscritos. Chegou, inclusive, a obter autorização do ministro João Alfredo para retirá-los da biblioteca, apesar das queixas de Ramiz Galvão, que alertava para os perigos da saída de documentos. É interessante perceber que, mesmo sob ordens superiores, Ramiz diz só ter aceitado mostrar os documentos ao então ex-presidente argentino após se certificar que “aqueles papéis não trariam complicações futuras para o país” (BIBLIOTECA NACIONAL. *Ofícios (1871-75)*. Ofício de 13 de dezembro de 1871. Mss).

A criação dos Anais da Biblioteca Nacional

O primeiro volume dos *Anais* foi impresso em 1876, ano em que saiu também o segundo fascículo desta revista. Sua publicação era prevista já nos novos estatutos da biblioteca, criados quando Ramiz Galvão voltou da Europa.⁷ Ao longo da sua administração, foram impressos nove volumes dos *Anais*, sendo o último deles, dividido em dois tomos, destinado ao *Catálogo da Exposição de História do Brasil*. Não nos interessa aqui destacar pormenorizadamente o conteúdo de cada um destes nove volumes. Tampouco será possível realizar uma análise minuciosa de todos os artigos e documentos publicados ali. No entanto, inicialmente, parece interessante observarmos o primeiro tomo desta publicação. Isto se deve a dois motivos: primeiramente, porque muitos dos estudos publicados neste primeiro volume serão discutidos ou completados nos posteriores. Em segundo lugar, porque no primeiro livro é possível perceber os principais objetivos desta publicação, que já se iniciava formando um cânone das principais coleções de documentos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, documentos que ainda hoje servem como referência quando falamos daquela instituição.

A análise deste volume nos fornece algumas chaves interpretativas para compreender a que vinha esta publicação. O objetivo mais explícito pode ser encontrado nas “Advertências preliminares”, onde Ramiz Galvão explica que os *Anais* eram destinados à divulgação das “riquezas literárias” da biblioteca, até então esquecidas e ignoradas pelos “próprios nacionais”. Na publicação, deviam ser inseridos inéditos preciosos, notícias de livros raros, estampas curiosas e também “trabalhos bibliográficos sobre os mais célebres escritores e amadores nacionais” (GALVÃO, 1876: VII). Logo no primeiro volume figuram notícias e artigos sobre alguns conjuntos de documentos que foram eleitos para representar o que havia de melhor nas estantes da biblioteca, como a coleção Diogo Barbosa Machado, as cartas do padre José de Anchieta, além da coleção Camoneana e a de Alexandre Rodrigues Ferreira. Todos esses documentos eram não apenas descritos e classificados, mas vinham também acompanhados de estudos feitos pelos funcionários da própria instituição.⁸

⁷ BIBLIOTECA NACIONAL. *Correspondência Expedida*. Ofício de 1º de agosto de 1876. Mss.

⁸ Quem abre o primeiro volume dos *Anais da Biblioteca Nacional* é a famosa Coleção Diogo Barbosa Machado, que recebeu um importante estudo feito por Ramiz Galvão (sobre esta questão, ver CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. *Colecionar, escrever a história. A história de Portugal e de suas*

No entanto, ao lermos os artigos dispersos ao longo deste e de outros volumes, podemos perceber que havia outros objetivos envolvidos, alguns mais e outros menos explícitos. Um deles é sinalizado por Alfredo do Vale Cabral no terceiro volume dos *Anais*, impresso em 1877. Este fascículo traz a publicação de um manuscrito de Luiz D'Alincourt, militar português que presidiu numerosas comissões por regiões brasileiras ao longo do século XIX. Neste documento, D'Alincourt oferece algumas informações acerca da província do Mato Grosso⁹ e, na opinião de Alfredo do Vale Cabral, tratavam-se de informações relevantes, escritas não por um compilador de relatos, mas por uma testemunha ocular. Assim, de acordo com o funcionário da biblioteca, a publicação de um documento como este nos *Anais* tinha o intuito de

Concorrer com este subsídio para a nossa história geral, e ministrar assim informações minuciosas e dados pouco vulgarizados acerca desta província tão extensa, quão importante por seus ricos dotes naturais ainda não convenientemente explorados. (...) Já é tempo de irmos ressuscitando as memórias da pátria da indigna obscuridade em que hão permanecido até agora sepultadas. É este um dos fins a que se propõe os Anais da Biblioteca Nacional (CABRAL, 1877, 69-70).

Em um artigo publicado num dos jornais da época, Vale Cabral certa vez disse que a Biblioteca Nacional carecia de documentos autênticos, base para se escrever a história do país.¹⁰ Ao se deparar com um manuscrito como o citado acima, Cabral encontrava um desses “documentos autênticos” necessários para *revelar* a nossa história. Em primeiro lugar, o documento descrevia um espaço pouco conhecido mas já compreendido como parte dessa “comunidade imaginada” chamada Brasil. Em segundo lugar, tratava-se de um testemunho em primeira mão, cujo relato era tido como ainda mais legítimo, uma vez que D'Alincourt *viu* e escreveu aquilo que observou. Dentro de

possessões na perspectiva do bibliófilo Diogo Barbosa Machado. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/ PPGHIS, 2007). Outros nomes ligados à Biblioteca Nacional também tiveram seus artigos publicados neste primeiro volume. Foi o caso de Saldanha da Gama, que assinou o estudo sobre a Coleção Camoneana; Zeferino de Menezes Brum, que escreveu sobre o nigel existente no acervo da BN, além de assinar o artigo “Iconografia”; e Teixeira de Melo, autor de artigos sobre as cartas do Padre Anchieta e de um estudo sobre Cláudio Manoel da Costa. O nome de Alfredo do Vale Cabral é, no entanto, o mais presente em todo o volume. Ele foi responsável pelo estudo sobre a coleção Alexandre Rodrigues Ferreira, por um artigo acerca do projeto de formar uma galeria dos bibliotecários da BN, pelo necrológio de Inocêncio Francisco da Silva e por mais dois estudos, um intitulado “Bibliografia brasílica” e outro sobre um manuscrito da biblioteca.

⁹ Trata-se do manuscrito intitulado *Resultado dos Trabalhos e indagações estatísticas da província do Mato Grosso*.

¹⁰ CABRAL, Alfredo do Vale. Investigações. *O Globo*, 1º de março de 1873.

uma lógica em que o documento é percebido como condição de possibilidade para se conhecer o passado, é possível entender o interesse dos *Anais* em publicar obras como esta, que possibilitavam desvelar o país e seu passado histórico.

Esta relação entre documento e a tarefa de escrever sobre o passado brasileiro também pode ser percebida no artigo que José de Alexandre Teixeira de Melo, chefe da seção de manuscritos, sobre a coleção de cartas do Padre José de Anchieta existente no acervo da BN. Em relação a este conjunto de materiais, Teixeira de Melo destaca que eles poderiam servir de grande valia aos estudiosos, uma vez que permitiam perceber a solidão dessas terras, as peregrinações de seus habitantes e, o que era ainda mais importante, o trabalho de civilização e conagração desenvolvido pelos jesuítas entre tribos indígenas “que continuamente se dilaceravam em contínuas guerras de extermínio” (MELO, 1876: 44). Assim, a partir da voz de Anchieta, seria possível saber sobre os povos que aqui viviam, sobre sua natureza e sobre o trabalho de catequese dos indígenas. As cartas de Anchieta seriam capazes, portanto, de nos transportar diretamente aos primeiros tempos do passado brasílico.

Documento como estes, relacionados ao Brasil, também lotavam as páginas do 4º e do 5º volumes dos *Anais da Biblioteca Nacional*, reservados à publicação do catálogo dos manuscritos existentes na BN. A própria maneira como os manuscritos foram classificados já nos parece sintomática, uma vez que figuram divididos em duas partes, a de “códices relativos ao Brasil” e a de “códices estranhos ao Brasil”. Como era de se esperar, os textos relativos ao país abrem o catálogo, que começa pelos documentos que se referem ao Brasil como um todo, passando, em seguida, àqueles que tratam de suas partes, isto é, suas capitânias ou províncias, e aos que tem relação com a questão dos limites territoriais. Nesta lista, não podiam faltar também obras de brasileiros, assim como cartas e autógrafos.

Documentos do passado, além de descobertos (ou talvez “encontrados”) no acervo da BN, passavam a ser publicados, ficando disponíveis a todos aqueles que estivessem dispostos a escrever a história do país ou ainda de suas partes. Vale ressaltar, no entanto, que essa história, de acordo com o que era publicado nos *Anais*, deveria ser feita a partir de documentos manuscritos, cujo grau de veracidade poderia ser medido pelo investigador a partir da crítica histórica. Mas, de qualquer forma, tratava-se de uma história escrita por meio de documentos entendidos como capazes de fornecer um

acesso direto a uma experiência passada. Assim, de acordo com Teixeira de Melo, a publicação de textos como esses nos *Anais* era uma forma de “prestar um serviço aos futuros historiadores de nossas coisas” (MELLO, 1876: 247).

No entanto, como vimos acima, a palavra historiador, da maneira como a entendemos hoje, parece não se aplicar totalmente àquele momento. Retomando as ideias de Ângela de Castro Gomes, não havia naquela época a história como campo autônomo, portanto era muito comum que os mesmos letrados que se interessavam em saber e escrever sobre o passado de seu país, aparecessem também como escritores de romances, poesias ou ainda participassem de debates em torno de assuntos linguísticos. Todos esses interesses estavam, de certa forma, contemplados nos documentos e textos publicados nos *Anais*. Em seus fascículos, era possível ter acesso a manuscritos referentes a fatos, batalhas e personagens da história Brasil (era o caso das cartas de Anchieta, que remetiam ao passado da colonização, mas também da notícia de um manuscrito existente na BN sobre a Guerra dos holandeses no Brasil ou ainda de um estudo sobre o inconfidente Cláudio Manoel da Costa),¹¹ mas permitiam também conhecer a geografia, a natureza e a população de certas regiões do país (como o já citado Mato Grosso) e ainda possibilitavam o acesso a estudos sobre a língua tupi e mesmo a obras escritas neste idioma. É importante esclarecer que, já no primeiro volume dos *Anais*, foi publicada uma notícia do trabalho desenvolvido na Biblioteca Nacional por Vale Cabral, que reunia tudo o que se referia à língua tupi existente nas *Memórias* de Alexandre Rodrigues Ferreira. No volume dois do periódico, foi publicado um estudo sobre palavras tupis e guaranis vulgarmente conhecidas. O objetivo parecia simples, mas era curioso: mostrar como esses vocábulos deveriam ser escritos e dar-lhes a sua verdadeira etimologia. Por fim, o sexto e o sétimo volumes da publicação foram totalmente dedicados a um “precioso manuscrito em língua guarani” composto no século XVIII e destinado à conversão dos gentios: a *Primeira catequese dos índios selvagens*, do Padre Montoya, traduzido pelo especialista Batista Caetano Almeida Nogueira.

¹¹ Mesmo a Coleção Diogo Barbosa Machado e todo o trabalho desenvolvido pelo colecionador português em sua obra *Biblioteca Lusitana* foi lido pelos funcionários da Biblioteca Nacional sob a ótica da história do Brasil. Barbosa Machado será louvado por Vale Cabral o primeiro a se ocupar de escrever as biografias de brasileiros. Só isto, segundo o oficial, já faz o Brasil dever muito ao “sábio abade de Sever”. (CABRAL, Alfredo do Vale. Biblioteca Nacional. *Diário do Rio de Janeiro*. Dia 9 de maio de 1874).

Em um momento em que os campos da história e da literatura entrecruzavam-se, podemos imaginar que a publicação de documentos e estudos nos *Anais da Biblioteca Nacional* poderia ajudar não apenas aos “historiadores de nossas coisas”, mas servia também como fonte de estudo e inspiração para criações literárias. O próprio Almeida Nogueira, tradutor de Montoya, diz pretender com seu trabalho prestar um serviço à literatura, “evitando que nos seus romances o índio apareça com falar de outro mundo, inverossímeis e não naturais”.¹² Mesmo entre os literatos, o estudo das línguas indígenas tornava-se matéria obrigatória. Segundo Ivana Stolze Lima, “os escritores elegeram a língua tupi para representar a nacionalidade da literatura e enxertavam nos poemas e romances palavras em tupi, algumas até recriadas pelos escritores” (LIMA, 2009: 419). Se a língua indígena, era, como dizia Alencar, a chave de entrada para formar uma imagem poética do selvagem, entender as particularidades de sua vida e de seu pensamento, podemos imaginar que o trabalho de Ramiz Galvão e sua equipe com a publicação dos *Anais da Biblioteca Nacional* pudesse ter como objetivo, além de mostrar as grandezas e tesouros da BN, ajudar na constituição de uma história e de uma literatura brasileiras, definindo os documentos necessários seja para escrever sobre o passado nacional, seja para compor aquilo que representaria a nacionalidade de nossa literatura.

Até aqui, vimos que os *Anais da Biblioteca Nacional* poderiam servir a diversos fins. Ele formou um cânone das grandes coleções existentes na BN, assim como se tornou um veículo de divulgação de seus tesouros, mas serviu também para a publicação de documentos que se prestavam tanto a elucidar pontos acerca do passado nacional, quanto a compor cenários e personagens em obras de literatura. Um desses personagens era, como destacamos, o indígena, tão presente seja nos discursos dos membros do IHGB, seja nas obras românticas. No entanto, cremos que podemos encontrar ainda uma terceira função envolvendo os *Anais*: a de promover dentro e fora do país a própria Biblioteca Nacional, dando legitimidade ao trabalho realizado ali dentro e construindo sua imagem como espaço de saber e investigação e como uma instituição que buscava ajudar o Brasil a acompanhar o movimento científico, literário e histórico das nações mais adiantadas.

¹² BIBLIOTECA NACIONAL. *Anais da Biblioteca Nacional*. V. 6. Rio de Janeiro: G. Leuzinger e Filhos, 1879.

Em 1877, Ramiz Galvão redigiu um ofício endereçado à Secretaria de Estado e Negócios do Império. Nele, o bibliotecário contava que acabara de ver a publicação dos trabalhos da Assembléia Legislativa, onde constatou que seriam reduzidas as despesas, bem como o número de funcionários, da Biblioteca Nacional. Diante de tal situação, Galvão diz que se sentiu obrigado a escrever um documento relatando tudo o que foi feito pela BN durante a sua direção. Dentre as melhorias e as vitórias citadas, lá estão os *Anais da Biblioteca Nacional*. É justamente essa publicação que dará um dos argumentos finais utilizados por Ramiz para que seja mantida a verba da biblioteca. Ele copia o trecho de uma carta enviada a ele por Ferdinand Denis, diretor da biblioteca de Santa Geneveva, e uma notícia escrita pelo literato português Luciano Cordeiro no jornal *Comércio Português*, ambas elogiando não apenas o funcionamento da Biblioteca Nacional, mas especialmente exaltando a publicação dos *Anais*. Ramiz é categórico em afirmar que, cessando as aquisições de livros e documentos, interrompendo a elaboração de catálogos e cancelando a publicação dos *Anais*, “deixaríamos de acompanhar o movimento científico, literário e artístico dos países mais adiantados”.¹³

Os *Anais*, por sua vez, constituíam uma porta de entrada e reconhecimento do Brasil entre os países que se tinham como modelo. A cada novo volume impresso, exemplares eram enviados a diversas instituições, como a Biblioteca de Santa Geneveva, a Biblioteca de Paris, ou ainda algumas congêneres norte-americanas, como a State Library e a Astor Library, ambas de Nova Iorque, a State Library, de Boston, a Biblioteca da Filadélfia e a Biblioteca do Congresso norte-americano.¹⁴ Os bibliotecários destas instituições costumavam enviar mensagens muito elogiosas e que eram com frequência anexadas por Ramiz aos relatórios que entregava ao Ministério do Império. Ferdinand Denis, por exemplo, exaltou os *Anais* como um “verdadeiro monumento, de uma necessidade incontestável e cuja utilidade se perceberá com os anos”.¹⁵ Na esteira do reconhecimento externo, vinha também o reconhecimento interno. Periódicos da época, como o *Jornal do Commercio*, o *Globo*, *Diário do Rio*, *Apóstolo*, *Gazeta de Notícias* e *Reforma* não só noticiaram como também louvaram a nova publicação. O

¹³ BIBLIOTECA NACIONAL. *Correspondência Ativa e Passiva de Ramiz Galvão*. Ofício de 15 de agosto de 1877.

¹⁴ BIBLIOTECA NACIONAL. *Correspondência Ativa e Passiva de Ramiz Galvão*. Ofício de 15 de junho de 1878.

¹⁵ BIBLIOTECA NACIONAL. *Relatório referente ao 1º semestre do ano de 1878*. Mss

Diário do Rio, em matéria de 25 de novembro, afirmava que a Biblioteca Nacional “foi antes uma aposentadoria honrosa para alguns sábios escritores, que a idade levava a repousar, do que um estabelecimento útil e proveitoso para os literatos brasileiros”. Com a publicação dos *Anais* e a gestão de Ramiz Galvão, dizia o jornal, esse quadro começava a mudar e a BN enchia-se de vitalidade.¹⁶

Todos esses elogios e reconhecimentos constituíam uma imagem da biblioteca dentro e fora do país, imagem essa que Ramiz Galvão tinha interesse em fomentar. Esse interesse também pode ser percebido em um artigo assinado por Alfredo do Vale Cabral publicado no primeiro volume dos *Anais*. Este texto expressa um projeto então em curso na BN: constituir uma galeria dos bibliotecários que presidiram a instituição desde 1822 até 1870. Este artigo em si traz algumas informações sobre os diretores da instituição, mas destaca que o intuito principal era que fosse feita uma história “do mais rico repositório de preciosidades bibliográficas, histórias e artísticas da América do Sul” (CABRAL, 1876: 160). Pouco sabemos sobre os desdobramentos deste projeto, mas um de seus frutos foi a biografia que Ramiz Galvão escreveu sobre Frei Camilo de Monserrate. Mas e sobre Ramiz, quem escreveria? De acordo com Vale Cabral, o então diretor da BN não entraria no quadro de bibliotecários a serem estudados, mas “a história dirá mais tarde o que fazemos” (CABRAL, 1876: 160). Embora, nesta concepção, fosse necessária uma certa distância para visualizar o que se construiu sob a direção de Ramiz Galvão, ele e os outros funcionários da instituição (incluindo o próprio Ramiz) trabalhavam para legitimar aquele espaço pelo menos entre os homens de sua época. Um dos veículos para desenvolver esse projeto foram os *Anais da Biblioteca Nacional*.

Gostaríamos, assim, de retomar as questões levantadas algumas páginas acima, e que podem ser resumidas na seguinte pergunta: por que este esforço em divulgar o acervo mais específico da BN em veículos como jornais e os próprios *Anais* se seções como a de iconografia e manuscritos permaneciam com suas salas vazias? Partindo do que discutimos até aqui, cremos que a resposta a esta pergunta pode ser encontrada na maneira como, naquela época, o Brasil era entendido dentro do “concerto das nações”, isto é, pelo lugar que o Brasil, país recém-independente, ocupava frente às nações “já

¹⁶ ARQUIVO NACIONAL. *Ofícios do bibliotecário (1877-79). Relatório dos fatos ocorridos na Biblioteca Nacional no segundo semestre de 1876.*

consolidadas”. Esse lugar era sempre percebido no horizonte da promessa, isto é, da jovem nação que, espelhando-se na velha Europa, realizar-se-ia num futuro. Ao mesmo tempo em que este discurso compreendia a história da nação brasileira dentro da lógica do progresso, ele fornecia um papel e uma função à Biblioteca Nacional, conferindo legitimidade ao trabalho de organização, seleção, classificação e divulgação dos documentos realizado dentro daquela instituição, trabalho este que será promovido nas páginas de seus *Anais*. A imagem que esses veículos divulgadores do trabalho realizado dentro da biblioteca parecem construir corrobora a ideia de que, enquanto o Brasil caminhava como nação, a BN trabalhava, paralelamente, na formação de um público estudioso e frequentador de bibliotecas, na divulgação dos documentos para se escrever a história do passado do país e contribuía para os futuros estudos nacionais.

Bibliografia:

- ALMEIDA, Pires de. *Biblioteca Nacional. Resumo Histórico*. Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger, 1897.
- AMADEO, Maria Eliza e KURY, Lorelai. O Catálogo da Exposição de História do Brasil. *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. 120, p. 323-34, 2000.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BESSONE, Tânia. *Palácios de Destinos Cruzados. Bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1999.
- CABRAL, Alfredo do Vale. Resultado dos Trabalhos e indagações estatísticas da província do Mato Grosso. In: *Anais da Biblioteca Nacional*. V. 3. Rio de Janeiro: G. Leuzinger e Filhos, 1877. p. 69-70.
- CARVALHO, Gilberto Vilar de. *Biografia da Biblioteca Nacional (1807-1990)*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1994.
- CHARTIER, Roger. *História Cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.
- CHUVA, Márcia Regina Romeiro. *Os Arquitetos da Memória. Sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- DUTRA, Eliana de Freitas. A tela imortal. O Catálogo da Exposição de História do Brasil de 1881. *Anais do Museu Histórico Nacional*, p. 159-79, v. XXXVII, 2005.
- FILHO, A. Mauricéa. *Ramiz Galvão (o Barão de Ramiz) 16/06/1846 a 09/03/1938; ensaio biográfico e crítico*. Brasília: Ministério da Educação e Cultura/ Instituto Nacional do Livro, 1972.

- GALVÃO, Ramiz. Advertência Preliminar. In: *Anais da Biblioteca Nacional*. V. 1. Rio de Janeiro: G. Leuzinger e Filhos, 1876. p. VII.
- GOMES, Ângela de Castro. *História e Historiadores*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- _____. *A República, a História e o IHGB*. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.
- GONÇALVES, Márcia de Almeida. Histórias de gênios e heróis: indivíduo e nação no romantismo brasileiro. In: SALLES, Ricardo e GRINBERG, Keila (Org.). *O Brasil Imperial*. Volume II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 425-65.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.
- HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2006.
- LIMA, Ivana Stolze. A língua nacional no Império do Brasil. In: SALLES, Ricardo e GRINBERG, Keila (Org.). *O Brasil Imperial*. Volume II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 467-97.
- MELO, José de Alexandre Teixeira de. Silvestre Pinheiro Ferreira. Memórias e cartas biográficas. In: *Anais da Biblioteca Nacional*. V. 2. Rio de Janeiro: G. Leuzinger e Filhos, 1876. p. 247.
- OLIVEIRA, Maria da Glória de. Do testemunho à prova documentária: o momento do arquivo em Capistrano de Abreu. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (Org.). *Estudos Sobre a Escrita da História*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. p. 216-39.
- POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: *Enciclopédia Einaudi. Vol 1. Memória-História*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.
- RICUPERO, Bernardo. *O Romantismo e a Ideia de Nação no Brasil (1830-1870)*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- RODRIGUES, José Honório. Introdução. In: *Catálogo da Exposição de História do Brasil realizada pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro a 2 de dezembro de 1881*. Brasília: Editora do Senado Federal, 2000. 3v.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. Das ficções do arquivo: ordem dos livros e práticas de leitura na Biblioteca Pública da Corte Imperial. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, São Paulo: FAPESP, 1999. p. 273-311.
- TURAZZI, Maria Inês. Imagens da nação: a Exposição de História do Brasil de 1881 e a construção do patrimônio iconográfico. STEPHAN, Beatriz Gonzales e ANDERMANN, Jens (Org.). *Galerias del Progreso. Museus, exposiciones y cultura visual en América Latina*. Rosário: Beatriz Viterbo, 2006.
- _____. A Exposição de História do Brasil de 1881 e a construção do patrimônio iconográfico. *Anais do XII Encontro Regional de História da ANPUH*.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical. História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

WEBER, João Ernesto. *A Nação e o Paraíso. A construção da nacionalidade na historiografia literária brasileira*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.